

## Sarney arruma o seu PMDB

“**A**gora, eu vou cuidar do meu PMDB”. Essa frase sintetiza, em linhas gerais, a intenção do presidente José Sarney no cenário político-partidário, depois das escaramuças que determinaram o alargamento do fosso que o separa do presidente nacional do PMDB, Ulysses Guimarães. O presidente da República, segundo um de seus habituais interlocutores, soltou a frase no meio da tarde de sexta-feira, depois de uma avaliação mais profunda das repercussões da saída dos ministros *ulyssistas* Renato Archer (Previdência Social), Luís Henrique (Ciência e Tecnologia) e Celso Furtado (Cultura) no seu esquema de sustentação parlamentar. Participavam, entre outros, da conversa em que Sarney avaliava a nova situação política nacional, os ministros Prisco Viana (Habitação) e Ronaldo Costa Couto (Gabinete Civil), pemedebistas que lhe são fiéis.



Para o público externo, se usarmos um jargão militar que esteve muito em voga durante o regime autoritário, Sarney e Ulysses vão trocar, ainda, algumas gentilezas. Em seu programa semanal *Conversa ao pé do rádio*, o presidente da República procurou, aliás, encerrar a polémica iniciada com suas novas críticas candentes à Constituinte, que receberam pronta e dura resposta do presidente do PMDB. Sarney disse, na grande cadeia de rádio que forma todas as sextas-feiras, para se dirigir na hora da alvorada (6h) ao interior do país, que se Ulysses reconhecia — como reconheceu — imperfeições no texto do projeto da nova Constituição, estavam, no principal, pensando igual.

Mas a história não é bem assim. Existe, além da imaginação do Dr. Ulysses, que ressurgiu com toda força na defesa apaixonada da Constituinte, que parece ser a sua filha mais diletta, um grupo de políticos interessados em toldar a imagem do PMDB. Ou, pelo menos, mostrar que a divisão do grande partido de sustentação da Nova República não se esgotou na criação do PSDB. Além dos *tucanos*, outras aves de menor porte e de plumagem menos espalhafatosa estão voando sobre a cabeça de Ulysses, prontas para bicá-lo e reivindicar também gordas fatias do grande bolo pemedebista.

O PMDB do presidente José Sarney não é de se jogar fora. Nele atuam, com bastante desenvoltura, ministros do porte de Aluízio Alves (Administração), que reina sobre uma banda da política do Rio Grande do Norte, ou de Prisco Viana (Habitação), que se notabilizou, na velha Arena e no PDS, como experimentado articulador político. O novo ministro da Previdência, o ex-governador paraense Jáder Barbalho, que está sendo deslocado do ministério da Reforma Agrária, é outro nome de peso na confraria dos pemedebistas ligados ao Palácio do Planalto.

Sarney conseguiu granjear, também, a amizade do ministro Ronaldo Costa Couto, que era a menina dos olhos de Tancredo Neves — foi secretário de Planejamento do Governo de Minas Gerais —, desde que o trouxe do ministério do Interior para a chefia do Gabinete Civil, no episódio do pedido de demissão do senador Marco Maciel, no momento presidente nacional do PFL. Hoje, sem nenhum exagero, Costa Couto deve ser classificado mais como *sarneyista* do que como pemedebista. Jogam, ainda, no time do presidente da República, acima do bem e do mal, os ministros Borges da Silveira (Saúde) e Íris Resende (Agricultura).

Com a defesa apaixonada da Constituinte, o Dr. Ulysses Guimarães recuperou a credibilidade pessoal diante da opinião pública. Isso não quer dizer, no entanto, que ele mudou, com sua fala firme e altaneira, rebuscada de citações *camonianas*, o destino do PMDB. O seu partido dificilmente encontrará, nesse início de agitada temporada eleitoral, o caminho da unidade. O presidente da República tem, naturalmente, todo o interesse em diminuir cada vez mais a força do PMDB, porque o seu projeto político, para os 20 meses de mandato que lhe restam, passa por uma espécie de pulverização do atual quadro partidário.

Um novo choque entre Sarney e Ulysses já tem data marcada: no próximo dia 21, quando o PMDB realizará sua convenção para renovar Diretório e Executiva nacionais. O presidente da República acionará, naturalmente, todos os cordéis possíveis e imagináveis para embaraçar a vida do presidente da Constituinte e da Câmara dos Deputados. Quando nada para mostrar que o PMDB independente que Ulysses proclamou, depois de tirar do governo os seus ministros, não é tão independente assim. Afinal, quem se der ao trabalho de fazer uma simples conta de somar, vai chegar facilmente a um resultado definitivo: o PMDB que ficou dentro do governo é maior do que aquele que saiu.

Rogério Coelho Neto